
DO LÉXICO À SINTAXE COM "ESCREVER" / "WRITE" E "DESTRUIR" / "DESTROY"

Maria Francisca Xavier*

RESUMO

As propriedades lexicais (a selecção semântica e a selecção categorial) dos verbos *escrever/write* e *destruir/destroy* e a respectiva projecção sintáctica explicam algumas das diferentes construções permitidas com um e outro verbo, tanto em português como em inglês. Outras construções são explicadas por fenómenos sintácticos que caracterizam as referidas línguas. Destaca-se, em particular, a possibilidade que o inglês apresenta, e o português não, de 'Preposition Stranding'. As representações sintácticas propostas contribuem igualmente para a compreensão do facto de o fenómeno de 'Preposition Stranding' se verificar em construções com *write* e de não ser permitido com *destroy*.

FROM LEXICON TO SYNTAX WITH "ESCREVER/WRITE" AND "DESTRUIR"/"DESTROY"

The lexical properties (semantic and categorial selection) of the verbs *escrever/write* and *destruir/destroy* together with their syntactic projection explain some of the different constructions allowed with these verbs, both in Portuguese and English. Other constructions are explained by syntactic phenomena which are characteristic of these languages. Some

* Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa.

Do léxico à sintaxe

relevance is given to constructions with "preposition stranding", which is possible in English but not in Portuguese. As it is expected, the syntactic explanation contributes for the understanding of the differences between these two languages.

Os verbos *escrever* e *destruir* e os seus equivalentes em inglês *write* e *destroy* apresentam as mesmas propriedades lexicais nas duas línguas. Vejam-se os exemplos seguintes:

- (1) a. A Maria escreveu/destruiu um livro/uma carta.
a'. Mary wrote/destroyed a book/a letter.
- b. A Maria escreveu/destruiu um livro sobre o João.
b'. Mary wrote/destroyed a book about John.
- c. A Maria escreveu/*destruiu sobre o João.
c'. Mary wrote/*destroyed about John
- d. A Maria escreve/*destrói.
d'. Mary writes/*destroys.

Tanto *escrever/write* como *destruir/destroy* seleccionam semanticamente dois argumentos (x, y): um argumento externo (Agente) e um argumento interno (Tema)⁽¹⁾.

Em (1a/a') ambos os argumentos que constituem a grelha temática destes predicados se encontram realizados:

- (2) [a Maria] [escreveu/destruiu [um livro/uma carta]]
SN Agente SV SN Tema

As noções de argumento externo e argumento interno estão relacionadas com a posição sintáctica das categorias que representam x e y. O argumento interno (y) é realizado como um SN seleccionado para

Do léxico à sintaxe

- (4) destruir/destroy: +V, [-- SN]
(5) escrever/write: +V, [-- (SN) (SP)]

A diferente subcategorização destes verbos explica as frases (1c/c'), (1d/d') e ainda os contrastes de (6):

- (6) a. Quantos livros escreveu/*destruiu a Maria sobre o João?
a'. How many books did Mary write/*destroy about John?
b. Sobre quem escreveu/*destruiu a Maria (um livro)?
b'. About whom did Mary write/*destroy (a book)?
c. Quantos livros sobre o João escreveu/destruiu a Maria?
c'. How many books about John did Mary write/destroy?

Estes exemplos comprovam que o verbo *escrever/write* pode seleccionar um SN e um SP, um vez que é possível mover para especificador do SC um ou outro destes sintagmas quando de tipo Squ/Swh. Para além disso, a representação simplificadora de (6c/c'), em (7) abaixo, demonstra que *um livro sobre o João/a book about John* pode ser interpretado como SN complexo, nas construções com os dois verbos, (cf. 1b/b'), visto que [quantos livros sobre o João]/[how many books about John] se encontra na posição de especificador do SC, onde é admitido apenas um sintagma (cf. Chomsky 1986b):

- (7) a. [[quantos livros sobre o João][escreveu/destruiu a Maria-]]
SC i C' i
b. [[how many books about John][did Mary write -]]
SC i C' i

As construções intransitivas (1c/c') e (1d/d') com *escrever/write* são interpretadas como tendo um argumento interno incorporado, com um conteúdo semântico específico, um constante, (cf. Zubizarreta 1986: 1-4). Nestas frases o argumento (Tema) incorporado é um elemento de um conjunto restrito (*livros, artigos, ensaios, etc.*) que se relacionam com a

actividade de escritor. No entanto, se o V seleccionar uma preposição distinta de *sobre/about* como, por exemplo, *a/to* o argumento incorporado será interpretado como um elemento de um outro conjunto (*carta, postal, etc.*). Em ambos os casos as restrições de selecção semântica destes argumentos implícitos correspondem às restrições verificadas relativamente aos argumentos internos com realização sintáctica, como se vê em (8):

- (8) a. A Maria escreveu (um livro/um artigo) sobre o João.
 a'. Mary wrote (a book/a paper) about John.
 b. A Maria escreveu (uma carta/um postal) ao João.
 b'. Mary wrote (a letter/a postcard) to John.

Se o Tema seleccionado for, por exemplo *livro/book*, a preposição seleccionada é *sobre/about* que selecciona, por sua vez, um argumento (Tema); se o Tema seleccionado for *carta/letter* a preposição correspondente é *a/to* atribuindo o papel temático de Alvo. *Carta/letter* funciona aqui como um Tema que se desloca de uma Fonte para um Alvo enquanto *livro/book* é o Tema de *escrever* sobre o outro Tema seleccionado pela preposição *sobre/about*. Esta identidade de papéis temáticos seleccionados pelo verbo e pela preposição parece explicar por que é que o argumento implícito da construção intransitiva *a Maria escreve* é interpretado como *livros/artigos/ensaios* e não como *cartas/postais, etc.*

Par além das semelhanças e diferenças reveladas em construções com *escrever/write* e *destruir/destroy* devidas às diferentes propriedades lexicais de cada um destes verbos, encontram-se outras que são explicadas por fenómenos sintácticos que caracterizam as duas línguas. Vejam-se alguns exemplos em (9):

- (9) a. Escrevo mas destruo.
 a'. *I write but I destroy.
 b. *A Maria escreveu o João uma carta.
 b'. Mary wrote John a letter.

- c. *Quem escreveu a Maria um livro sobre?
- c'. Whom did Mary write a book about?

O contraste (9a/a') revelado pela gramaticalidade da construção em português e a agramaticalidade da tradução literal em inglês ilustra uma das diferenças sintáticas existentes entre o português e o inglês⁽³⁾. O português é uma língua que admite objecto nulo, num contexto pragmático adequado, e que não é possível em inglês (cf. Raposo 1987). Por este motivo a frase (9a) terá uma frase equivalente em inglês diferente de (9a'), que poderá ser (10a'), em que o objecto *destroy* não é nulo:

- (10) a. Escrevo mas destruo (tudo).
- a'. I write but I destroy everything.

A análise revela que, embora aparentemente semelhantes, os segmentos *escrevo* e *destruo*, em (9a), têm representações diferentes. O objecto de *destruir/destroy* não pode ser como se viu, um argumento incorporado, sem realização sintáctica, tal como acontece com *escrever/write* (intransitivo em (9a)); é uma categoria sintáctica legitimada com caso e papel temático, atribuídos por regência do verbo de que é complemento e que, em português, pode não ser realizada foneticamente.

A possibilidade que o português tem de não realizar foneticamente o objecto com verbos sintacticamente transitivos é pois uma característica que distingue as duas línguas e que é independente de factores lexicais.

O par (9b/b') ilustra uma outra diferença sintáctica destas línguas. O equivalente gramatical em português de (9b') é (11), onde o dativo é um SP, o que também é possível em inglês.

- (11) a. A Maria escreveu uma carta ao João.
- a'. Mary wrote a letter to John.

Do ponto de vista histórico seria de esperar que, em inglês, as construções de objecto duplo sem preposição tivessem sido totalmente substituídas pelas construções [- SN SP], exemplificadas em (11), como na evolução do latim para o português. Uma hipótese que defendesse o carácter fossilizado destas construções, que seriam adquiridas por imitação, poderia ser apoiada pela afirmação de Stowell (1981) de que tais construções só se verificam com verbos nativos. No entanto, a investigação desenvolvida por Marantz (1984) revela que os verbos que permitem esta construção não são derivados (são morfologicamente simples), sendo *give* o exemplo típico⁽⁴⁾. Em (12), tal como em (11), o verbo apresenta uma grelha temática com Tema e Alvo.

- (12) Mary gave John a book.
Alvo Tema

Considerando que existe um princípio que estipula uma relação de um para um na atribuição dos papéis, Marantz considera que o verbo atribui, em (9b') e (12), o papel temático de Alvo, e o SN Tema recebe o seu papel da posição estrutural em que normalmente este se realiza. Por sua vez, nas construções com SP (13) o V atribui o papel de Tema, sendo a preposição que está associada ao verbo responsável pela atribuição do papel temático Alvo.

- (13) a. Mary gave a book to John.
Tema Alvo
b. Mary wrote a letter to John.

O modo como é atribuído o caso aos dois objectos nestas construções tem sido muito discutido⁽⁵⁾.

Marantz (1984) remete para Stowell (1981) que considera que o primeiro objecto é incorporado no verbo e absorve os traços casuais deste, à semelhança dos clíticos nas línguas românicas. E o segundo objecto recebe caso estrutural do verbo complexo a que está adjacente, como mostra (14):

Do léxico à sintaxe

- (14) [[V SN] SN]
V' V

Em Chomsky (1981) é referida uma outra explicação que tem por base o trabalho de Williams (1975), em que se propõe que o verbo e o primeiro objecto formam um SV intermédio que atribui caso ao segundo objecto, na estrutura (15):

- (15) [[V SN] SN]
SV V'

Nesta estrutura, ao primeiro objecto é atribuído caso estrutural, pelo verbo regente a que está adjacente e, como referido atrás, o papel temático de Alvo: o V' é interpretado como regente lexical.

Embora (15) seja conceptualmente melhor que (14), porque considera que ambos os argumentos são realizados em posições sintácticas próprias (posições argumentais), apresenta contudo dois problemas: por um lado, V' atribui caso, contra o que está previsto pela Teoria do Caso⁽⁶⁾ e por outro, não é satisfeita a Hierarquia Temática, uma vez que o Tema se encontra numa posição estrutural mais alta do que Alvo⁽⁷⁾.

Kayne (1984) apresenta uma análise em que o SN Alvo é regido por uma preposição vazia, como em (16):

- (16) V [P_{vazia} SN] SN
SP
give Mary a book

Embora, segundo Kayne, a preposição vazia não atribua caso, ela permite que o caso objectivo atribuído por V ao SP se infiltre até ao seu núcleo e seja transmitido ao SN que lhe está adjacente. O segundo SN recebe caso objectivo do V, talvez também por infiltração.

Kayne explica a existência desta construção em inglês e a sua ausência no francês, por uma diferença relativamente ao caso atribuído pela

preposição em cada uma destas línguas. A preposição em inglês, à semelhança do verbo, atribui caso objectivo e não caso oblíquo, como em francês e português, sendo este facto o que permite que a preposição vazia transmita o caso que recebe do verbo.

Segundo Marantz, o contacto que a criança estabelece com estas construções, que, embora frequentes, são despoletadas por um número reduzido de verbos do tipo de *give*, permitiria o fenómeno de extensão analógica. De facto, extensão analógica não significa generalização. Marantz sustenta que a construção se restringe a verbos não derivados (morfologicamente simples) o que não significa exactamente verbos nativos, de que falava Stowell. No entanto, em Kayne (1984) são apresentados exemplos que mostram que esta construção é utilizada com verbos de origem germânica e latina, derivados ou não. Contudo, o facto de esta construção não se generalizar a todos os verbos com uma grelha temática do tipo de *give*, sugere que ela é uma construção marcada, a par da construção normal actualmente em inglês, na qual o papel de Alvo é atribuído pela preposição não vazia, tal como em português.

O contraste (9c/c') é um exemplo de "preposition stranding" que se verifica nalgumas línguas, incluindo o inglês, mas não em português. Nas construções deste tipo o objecto da preposição é movido deixando atrás a preposição. Segundo Chomsky (1986b: 5) a posição de especificador do SC conterá, em estrutura P, uma categoria vazia adequada que cria uma posição a ser ocupada por substituição. A escolha desta categoria será responsável pelo movimento de todo o SP ("pied-pipping") para especificador do SC ou pelo movimento apenas do Swh ("preposition stranding") de acordo com a Hipótese de Preservação da Estrutura.

Tal como a construção de objecto duplo sem preposição visível, também esta é uma construção marcada, e, segundo Kayne, a sua existência tem também a ver com a perda marcada da atribuição do caso oblíquo em inglês.

O exemplo português (9c) é agramatical porque o vestígio deixado pelo movimento do Squ não tem caso. Assume-se que o Squ movido leva consigo o caso inerente oblíquo que recebeu da preposição e ainda que esta não atribui caso estrutural ao vestígio; este, por ser uma variável, deveria ter caso em estrutura-S e em Forma Lógica, para satisfazer a condição de visibilidade (cf. Chomsky 1986a: 293) o que não acontece.

Em inglês verifica-se o contrário. Em (9c'), por exemplo, a preposição não atribui caso oblíquo em estrutura-P mas atribui caso estrutural em estrutura-S e a variável é assim legitimada.

No entanto esta construção não é sempre permitida em inglês. Vejam-se os exemplos (17).

- (17) a. *John was written a book about.
b. *Whom was a book written about?
c. John was written about/to.
d. Whom did Mary write about/to?

A explicação dada para (9c') justifica de certo modo a agramaticalidade de (17a). A preposição atribui caso estrutural ao vestígio de *John*. Por sua vez *John*, na posição de sujeito, recebe caso estrutural por acordo com a flexão finita, resultando uma cadeia com dois casos, o que não é possível (cf. Chomsky 1981). A construção (17b) é também agramatical porque, como se sabe, o vestígio de *Swh* tem de receber caso e nesta construção de V+P, uma estrutura de união oracional segundo Guéron (1985), a preposição partilha das propriedades do participio passivo e não atribui caso ao vestígio do *Swh*.

Pelo mesmo motivo, (17c) é gramatical. A preposição não atribui caso ao vestígio deixado pelo movimento de SN e *John* recebe caso nominativo, permitindo a boa formação da cadeia com apenas um caso e papel temático.

Em (17d) o mesmo processo de união oracional permite que a preposição se mantenha activa e atribua caso ao vestígio de Swh, como seria de esperar pela gramaticalidade da frase.

Segundo Kayne, tanto a construção de duplo objecto sem preposição visível, como a de "preposition stranding" são possíveis em inglês devido ao carácter marcado da preposição nesta língua, que atribui caso objectivo, como o verbo⁽⁸⁾, por oposição a línguas como o português em que atribui caso oblíquo.

Como exemplo que une as duas construções veja-se (18), com a respectiva representação simplificada.

(18) John was written a letter.

[[John_i] [was written [P_{vazia} -_i] a letter]]
 SN SV SP

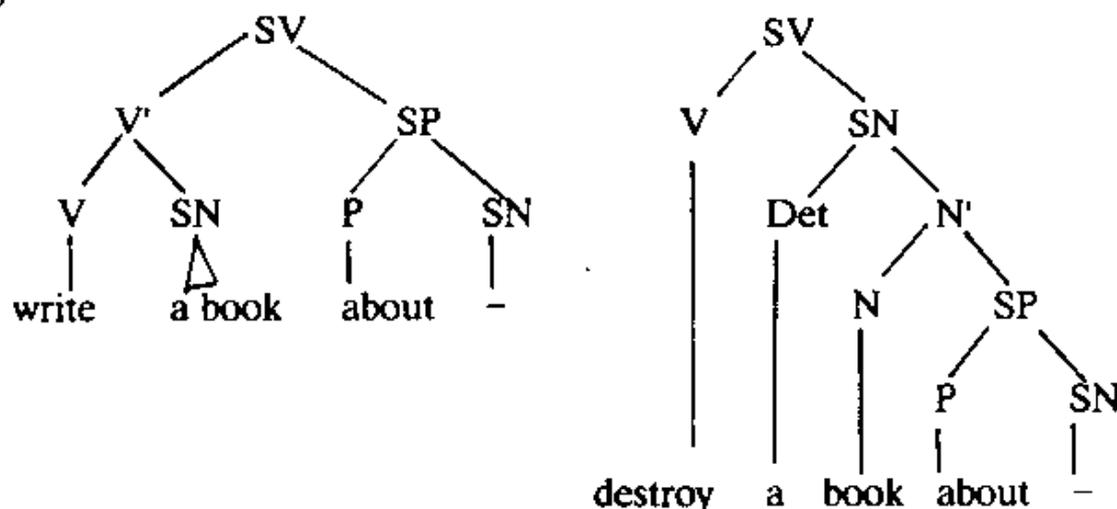
Para Kayne um exemplo deste tipo é não só uma construção de objecto duplo sem preposição realizada, mas também de "preposition stranding". A explicação dada atrás para (17c) é válida para (18).

Um problema surge, no entanto, com o exemplo abaixo (19):

- (19) a. Whom did Mary write a book about?
 b. *Whom did Mary destroy a book about?

Um exemplo semelhante a (19b) é marcado como agramatical em Radford (1981) e é considerado bom em Chomsky (1986b). Para Radford ele corresponde a uma violação da restrição, encontrada por Ross (1968), à extracção de elementos de um sintagma nominal complexo. A explicação para a sua agramaticalidade poderia ser derivada da diferente estrutura interna do SV com *write* e com *destroy*, como se vê em (20):

(20)



A extracção do objecto da preposição seleccionada pelo verbo *write* é boa mas a extracção do objecto da preposição, do interior do SN complexo, objecto directo de *destroy*, não é boa, na opinião de Radford. Como em ambos os casos o vestígio do Swh movido está regido pela preposição, tem caso e papel temático, deveríamos estar perante duas variáveis perfeitamente legitimadas, o que acontece de facto para Chomsky, que considera (19b) uma boa construção, enquanto Radford não. A explicação para esta diferença nos juízos de gramaticalidade relativos a (19b) é—nos, no entanto, sugerida por Chomsky (1986b). Chomsky considera que existem barreiras que explicam os problemas de subjacência e que para além da regência lexical, que neste caso legitima o vestígio deixado pelo movimento do Swh, é necessária a regência por antecedentes. O antecedente da categoria vazia tem de se encontrar numa posição em que seja possível reger o seu vestígio. Não podem, portanto, existir barreiras entre estas duas posições. Ora se Chomsky considera boa a frase (19b) e Radford má, qual poderá ser a explicação? Parece não existir, para Chomsky, qualquer barreira entre o vestígio e o seu antecedente mas existir para Radford. Tratar-se-à de um problema de idiolecto? Não parece provável tratando-se de pessoas atentas aos fenómenos da língua, mas talvez seja um problema de dialecto: Chomsky é americano e Radford inglês. A explicação então poderia ser a seguinte: o SN *a book* não é barreira, em nenhum dos casos,

porque é marcado lexicalmente pelo verbo com caso e papel temático, sendo o SP a única categoria que poderá ser responsável pela criação de uma barreira em (19b). O SP seria para o inglês americano L-marcado por *book* e, portanto, não funcionaria como barreira a regência por antecedente e, no inglês britânico, seria barreira, porque não L-marcado; esta propriedade seria herdada pelo SN *a book*, que funcionaria como barreira no inglês britânico, o que explicaria a diferença nos juízos encontrados.

Pode-se assim concluir que estas construções diferentes em português e inglês resultam de características sintáticas de cada uma das línguas, obedecendo contudo aos princípios da GU.

NOTAS

- (1) Para a definição de argumento externo e interno cf. Williams (1981/82) e para a terminologia dos papéis temáticos cf. Tackendoff (1972) que utiliza a proposta de Gruber (1965).
- (2) Este esquema é adequado ao português e ao inglês (e outras línguas) que apresentam uniformemente os complementos dos núcleos lexicais à direita.
- (3) O exemplo (9a/a') ilustra também a diferença sintática considerada de maior importância entre estas duas línguas: em português o sujeito pode ser foneticamente nulo ao contrário do inglês que exige a realização fonética do sujeito.
- (4) Construções deste tipo são também possíveis com o benefactivo, sendo o exemplo clássico com o verbo *bake*: *Mary Baked John a cake*, (cf., por exemplo, Marantz 1984).
- (5) Cf., por exemplo, Chomsky (1981), Stowell (1981) e Kayne (1984). Em Xavier (1985) são consideradas apenas as duas primeiras propostas de análise destas construções.
- (6) De acordo com a Teoria do Caso de Chomsky (1981), só as categorias X-zero atribuem caso.

Do léxico à sintaxe

- (7) Segundo Jackendoff (1972) o Tema é representado estruturalmente na posição mais baixa devido à Hierarquia Temática.
- (8) Chomsky (1986a: 293) diz que em inglês a preposição não atribui caso inerente oblíquo dentro de SV, enquanto Kayne considera que nunca atribui caso inerente.

REFERÊNCIAS

- CHOMSKY, N. (1981), *Lectures on government and binding*, Dordrecht, Foris.
- CHOMSKY, N. (1982), *Some concepts and consequences of the theory of government and binding*, Cambridge, M.I.T..
- CHOMSKY, N. (1986a), *Knowledge of language. Its nature, origin and use*, N. Y., Praeger.
- CHOMSKY, N. (1986b), *Barriers*, Cambridge, M.I.T..
- GRUBER, J. (1967), *Studies in lexical relations*, Cambridge, M.I.T.. (Dissertação de Doutorado).
- GUÉRON, J. (1985), "Clause union and the verb-particle construction in English", *NELS* 16.
- JACKENDOFF, R. (1972), *Semantic interpretation in generative grammar*, Cambridge, M.I.T..
- KAYNE, R. (1984), *Connectedness and binary branching*, Dordrecht, Foris.
- MARANTZ, A. (1984), *On the nature of grammatical relations*, Cambridge, M.I.T..
- RADFORD, A. (1981), *Transformational syntax*, Cambridge University Press.
- RAPOSO, E. (1986), "On the null object in European Portuguese" in Osvaldo Jaegli: Carmen Silva-Corvalan (eds.), *Studies in Romance linguistics*, Dordrecht, Foris, 373-390.
- ROSS, J. (1967), *Constraints on variables in syntax*, Cambridge, M.I.T.. (Dissertação de Doutorado).
- STOWELL, T. (1981), *Origins of phrase structure*, Cambridge, M.I.T.. (Dissertação de Doutorado).

WILLIAMS, E. (1981/82), "Argument structure and morphology", *The Linguistic Review* 1, 81-114.

XAVIER, M.F. (1985), *AUX e caso abstracto no inglês. Para uma análise sintáctica diacrónica*, Lisboa, Faculdade de Letras. (Dissertação de Mestrado).

ZUBIZARETTA, M.L. (1986), *Levels of representation in the lexicon and in the syntax*, Dordrecht, Foris. (A publicar).